

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2024-04-24

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Almeida, E. C. (2023). O terrorismo no interland centro-austral africano e o impacto em Moçambique e Angola. In Nuno de Fragoso Vidal, Justino Pinto de Andrade (Ed.), *A luta continua e a reação não passará!?: O iliberalismo contra a democratização em Angola e Moçambique no século XXI*. (pp. 251-267). Lisboa: Publicações Sá da Costa.

Further information on publisher's website:

<https://networks.h-net.org/group/discussions/20024743/toc-luta-continua-e-reacao-nao-passara-org-nuno-de-fragoso-vidal-e>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Almeida, E. C. (2023). O terrorismo no interland centro-austral africano e o impacto em Moçambique e Angola. In Nuno de Fragoso Vidal, Justino Pinto de Andrade (Ed.), *A luta continua e a reação não passará!?: O iliberalismo contra a democratização em Angola e Moçambique no século XXI*. (pp. 251-267). Lisboa: Publicações Sá da Costa.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

O terrorismo no Interland Centro-Austral Africano e o impacto em Moçambique e Angola¹

por: Eugénio Costa Almeida^{1,2,3,4,a}

Resumo

O Continente Africano desde há muito que regista convulsões políticas, económicas, sociais e militarizadas, seja por via de Golpes de Estado (Coup d'État) por políticos ou por militares, como devido a actos de terrorismo político e religioso. A Região dos Grandes Lagos, no geral, inserida no que é designado de Heartland, no global, e no Interland Centro-Austral Africano, em particular, é das áreas político-geográficas a que regista mais situações críticas e que aqui se tenta de forma um pouco sucinta desenvolver.

Palavras-chave: África, Heartland, Interland, terrorismo, separatismo, insurreição armada, islamismo radical, eleições

Abstract

The African continent has long experienced political, economic, social and militarized upheavals, either through coup d'état (Coup d'État), by politicians or the military, or due to acts of political and religious terrorism. The Great Lakes Region, in general, inserted in what is called the Heartland, globally, and in the Central-Southern African Interland, in particular, is one of the political-geographical areas that registers more critical situations and that here we try to a little succinct develop.

Keywords: Africa, Heartland, Interland, terrorism, separatism, armed insurrection, radical Islam, elections

¹ Este ensaio é baseado na apresentação, via Webinar, efectuada em 3 de Março de 2022, que pode ser acedida em https://www.youtube.com/watch?v=Z7d9gLSO_yA ; o autor escreve de acordo com a ortografia anterior ao AO 90. A maioria do ensaio reporta-se ao apresentado em PowerPoint nessa data, havendo algumas alterações a factos mais recentes ou posteriores a Março de 2022.

1. Introdução

A maioria dos problemas do Continente Africano estão assentes na sua constante instabilidade político-social devido a múltiplos factores como Golpes de Estado, (a maioria, militares), terrorismos (políticos e religiosos), crises político-militares (República Centro-Africana (RCA), Chade, República Democrática do Congo (RDC), Burundi, Ruanda ou Lesotho), separatismos (Sudão – com o Sudão do Sul e Darfur, Mali – Azawad, Nigéria – Estados do Norte, Camarões – parte anglófona, a Ambazonia ou Bakasi, RDC – Katanga/Shaba, Namíbia – Caprivi, Zâmbia – Barotze-Lozi, ou Angola – Cabinda, Lundas e Moxico (Tchokwé) e Cuando-Cubango/os Lozi), pirataria marítima, com evidentes impactos sociais, económicos e, naturalmente, políticos.

Mas o estudo que se aborda está, geograficamente, circunscrito ao coração (*Heartland*) do Continente, mais em concreto, ao que defino de *Interland* (interior's land ou terra do interior), região muito rica em matéria-prima essencial às novas tecnologias, em particular, e em um vasto património social e multi-cultural.

2. Heartland ou Interland Africano?

Segundo uma das teorias mais importantes da Geopolítica e atribuída ao geógrafo britânico Mackinder (1904) “*quem dominar o leste da Europa dominará o Centro, o ‘Heartland’; quem dominar o Heartland, dominará a Eurásia ou ‘Ilha Mundial’; e quem dominar a Ilha Mundial governará o Mundo*” (Tinline, 2020).

Esta antiga teoria pode ser transposta para o sistema geopolítico actual, em particular para África, dado que é no Heartland africano que estão muitas das matérias-primas tão necessárias ao desenvolvimento económico e tecnológico mundial.

Ainda assim, não é tanto do Heartland que estarão as maiores preocupações políticas, económicas, sociais e militares do Continente Africano, mas no *Interland Africano*, e em especial, no *Interland Centro-Austral Africano* (ou o Interland, como adiante se referirá ao Interland Centro-Austral Africano).

De uma maneira geral, o Heartland Africano poder-se-á definir como toda a área do interior do Continente entre Chade/Sudão do Sul e Zimbabwe, enquanto, por sua vez, considero que o Interland Centro-Austral Africano engloba os países da orla dos Grandes Lagos (RDC, Uganda, Burundi e Ruanda), a Zâmbia, Zimbabwe e Botswana, (Figura 2.1)



Figura 2.1 O Interland Centro Austral Africano²

No entanto, não se pode, por razões geopolíticas, esquecer 4 importantes *players* da região, como são Angola, Quênia e Tanzânia – que são igualmente Estados-membros da Conferência Internacional para a Região dos Grandes Lagos (CIRGL) – e Moçambique que, ainda que não seja parte integrante desta região geopolítica, acaba por ser influenciada por motivos de terrorismo religioso e, por via deste, pela participação interna de um dos *players* africanos que, ultimamente, mais se tem apresentado como um possível destabilizador do Interland; reporto ao Ruanda, como adiante verificaremos.

De facto, são três os problemas – ainda que um deles subalterniza-se a outros dois – que condicionam a situação no Interland Centro-Austral Africano: terrorismo, instabilidade política e, por causa destes dois factores, a instabilidade social.

3. A instabilidade política e o terrorismo na área e suas ramificações

Com impactos directos nas áreas políticas, sociais e económicas desta região Africana são as constantes variações e interferências políticas que ocorrem nos e sobre os países do Interland, com especial destaque para a RDC e, nos finais dos anos 90 do século passado e inícios do século 21, para o Burundi e para o Ruanda, os motivos de maiores preocupações na Região dos Grandes Lagos (RGL) e, por extensão, no Interland.

Como poderemos verificar essa instabilidade política, militar e social persistente levou, e tem levado, a um crescendo de actividades terroristas, como a seguir desenvolve. Porém, antes do terrorismo se ter tornado num dos factores mais destabilizadores da região, foi a constante instabilidade política, em especial nos países do antigo reino do

² Mapa criado pelo Autor

Urundi – Burundi e Ruanda – em contínuos Golpes de Estado e genocídios étnicos, bem como na RDC, o que, neste país, ainda persiste sem se visualizar alguma alteração.

Para melhor compreensão esta parte temática foi dividida em 2 itens histórico-geográficos, conforme se descreve e se desenvolve: *Geográfico* – com enfoque no Terrorismo (político –Chade e RDC – e religioso – RCA, Uganda e Moçambique) e no Separatismo – e *Histórico* – com a crise no Burundi-Ruanda e as duas Guerras no Congo (sendo que estes dois factores políticos foram quem mais contribuíram para a actual situação no Interland e com ramificações para Angola – separatismo – e Moçambique – terrorismo religioso).

Porque as razões Históricas condicionam a actual situação política, militar e social do Interland, será por este item que começará a ser abordado o desenvolvimento do tema, génese do actual terrorismo, político e religioso, que perpassa pelo Interland.

3.1 Causas Históricas

São duas as causas históricas para os presentes problemas por que passa o Interland, como são os casos da instabilidade política na RGL e do terrorismo: a “*Crise no ‘Reino Urundi’*” (i) e as “*Dois Guerras do Congo*” (ii).

As crises políticas que ocorreram, entre 1972 (Burundi) e Julho de 1994 (Burundi e Ruanda) no que era o antigo ‘Reino Urundi’ – era assim que se denominava o território no que hoje está dividido entre o Burundi, o Ruanda e a região Sudoeste do Uganda (referenciados pelos parques nacionais de Magahinga e de Bwindi, na província do Western) – tiveram um assinalável impacto na RGL e, por extensão, mais tarde, na continuada crise político-militar da RDC entre 1986 e 2003.

Sintetizemos o que ocorreu neste período:

i) *Genocídios no Burundi e no Ruanda ou a Crise do Reino Urundi:*

- a. No *Burundi*, após o fim do reino liderado por Ntare V por via de um golpe palaciano, e na sequência de um levantamento, em 1972, que terá sido levado a a efeito por um grupo pró-hutu no sul do país contra o então presidente Michel Micombero (de origem tutsi) que terá provocado cerca de 2.000 tutsis, ocorre em 27 de Abril de 1972, uma rebelião nas cidades lacustres de Rumonge e Nyanza-Lac, em que terão participado alguns membros hutu da polícia, mas com o beneplácito de membros do Governo e do partido maioritário, o UPRONA (*Union pour le Progrès national*), declarando uma hipotética República Martyazo; entre 1972 e 1973³ ocorreram inúmeras atrocidades contra os tutsi – que predominavam no exército –, bem contra os hutus que se recusaram a aderir à rebelião;

E em Junho de 1993, ocorre novo genocídio., com assassinatos em massa de tutsi em pela população de maioria hutu, após a vitória presidencial de Melchior Ndadaye e do partido Frodebu (*Front pour la Démocratie au Burundi*), de

³ Cf. *Governo do Burundi cometeu genocídio entre 1972-1973*; URL: <https://www.dw.com/pt-002/governo-do-burundi-cometeu-genoc%C3%ADdio-entre-1972-1973-investiga%C3%A7%C3%A3o/a-60231410>

maioria hutu; deste facto, nos arredores da capital, Bujumbura, grupos de hutu e tutsi, armados com armas brancas (machados, por exemplo) atacam-se uns aos outros, até que, em 21 de Outubro de 1993, quando o Presidente Ndadaye foi assassinado e o país mergulhou em um período de guerra civil.

Destes dois genocídios terão morrido mais de 200 mil burundis.

- b. O genocídio no *Ruanda*, ou genocídio tutsi (Sitbon, 2000 & Meierhenrich, 2020), deveu-se um massacre em massa de pessoas dos grupos étnicos tutsi, twa e de hutu moderados, ocorreu entre 7 de Abril e 15 de Julho de 1994 durante a Guerra Civil de Ruanda. Este terrível evento terá sido organizado por membros da elite política hutu, muitos dos quais ocupavam cargos nos níveis mais altos do governo nacional.

Apesar da maioria dos historiadores considerarem que os massacres já estariam a ser planeados há muito tempo, terá sido o assassinato do presidente ruandês Juvénal Habyarimana em 6 de Abril de 1994, que despoletou todos os massacres que se seguiram.

Entre as forças que combateram durante estes massacres estava a FPR (*Front Patriotique Rwandais*), de cujo líder da *inteligência* era Paul Kagame, e que foi uma das principais responsáveis pela guerra-civil que se seguiu aos primeiros massacres e, acabou por ser a vencedora deste conflito que resultou em inúmeras centenas de milhares de vítimas (BBC Brasil, 2014). Mais tarde, Kagame tornou-se no líder da FPR, numa altura que refugiados tutsi, acantonaram-se na RDC, e que se denominavam de *Banyamulenge* e que terão alguma influência e participação directa num dos conflitos da RDC.

ii). As duas guerras da RDC:

Sobre esta matéria, proponho que acedam a um trabalho que foi elaborado para a palestra proferida em 21 de Maio de 2020, para a disciplina de História da África, da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo, Brasil, onde a matéria está desenvolvida (Almeida, 2020)

- a. I Guerra do Congo (1986-1987): Levou ao fim da ditadura de Mobutu Sese Seko, levando a sua queda e a ascensão de Laurent-Désiré Kabila. Mobutu tinha como apoiantes a milícias da UNITA (as FALA – Forças Armadas de Libertação de Angola), cerca de 100 mil guerrilheiros ruandeses, que incorporavam antigos militares das Forças Armadas do Ruanda do genocídio ruandês de 1994 e milícias do ALiR na maioria, da etnia, hutu, os *Interahamwe* – foram lideradas pelo líder guerrilheiro Laurent-Désiré Kabila, da *Alliance des Forces Démocratiques pour la Libération du Congo-Zaïre* (AFDL); por sua vez, Kabila contou com o apoio dos países vizinhos, com especial destaque para Angola, Eritreia, Ruanda – e dentro deste país, além do apoio oficial, teve apoio de milícias anti-Mobutu, a maioria tutsi, que acabaram por ficar no país após a deposição de Mobutu, os *Banyamulenge* (ficaram com benefícios territoriais) – e Uganda. Após entrar em Kinshasa e receber a presidência, Kabila declarou-se

presidente e alterou o nome do país, de Zaire para República Democrática do Congo.

- b. II Guerra do Congo (de 2 de Agosto de 1998 a 18 de Julho de 2003), que colocou frente-a-frente, na área, a RDC (aliados Angola, Chade, Namíbia, Sudão e Zimbabwe e milícias anti-Uganda, anti-Ruanda e anti-Burundi) e o Burundi, Uganda e Ruanda (contaram com aliados: várias milícias congolezas anti-família) Kabila, milícias tutsi ruandesas Banyamulenge – foi uma das grandes razões para a invasão ruandesa à RDC, com a desculpa de temer ataques e massacres a estes tutsi –entre outras organizações político-para-militares da região). O fim desta guerra, levou à “expulsão” das forças ruandesas, fortalecimento do poder de Kabila Kabangu (filho do, entretanto, assassinado Laurent-Kabila) e o “aparecimento” do representante ruandês, Paul Kagame, já como presidente do Ruanda, desse 2000, que nunca acolheu bem esta derrota militar e política na RDC.

Esta crise na RDC, apesar do fim oficial do conflito, na realidade não só isso não aconteceu como teve efeitos político-securitários na região devido aos inúmeros conflitos que se mantêm na região, denominada de Grandes Lagos. De início, os conflitos que ocorreram na área – Kagame nunca aceitou bem a derrota na RDC, embora não seja o único interveniente na persistente crise da RGL – foram mediados pelo antigo presidente sul-africano Nelson Mandela que, perante os manifestos desinteresses das partes em litígio, desagradado e, por vezes, acusado de parcial, abandonou as mediações, tendo sido substituído pelo seu sucessor, o então presidente sul-africano Thabo Mbeki que, pelas mesmas razões, acabou por abandonar as negociações acabando substituído, em diversos período por negociadores angolanos. Angola, ainda hoje, é o principal negociador dos constantes e contínuos conflitos na RGL.

Fazem parte da RGL, Angola, Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Sudão do Sul, República Democrática do Congo, República Centro-Africana, Congo, Quênia, Sudão e Zâmbia que estão agrupados na CIRGL (Conferência Internacional para a Região do Grandes Lagos – Figura 3.1).

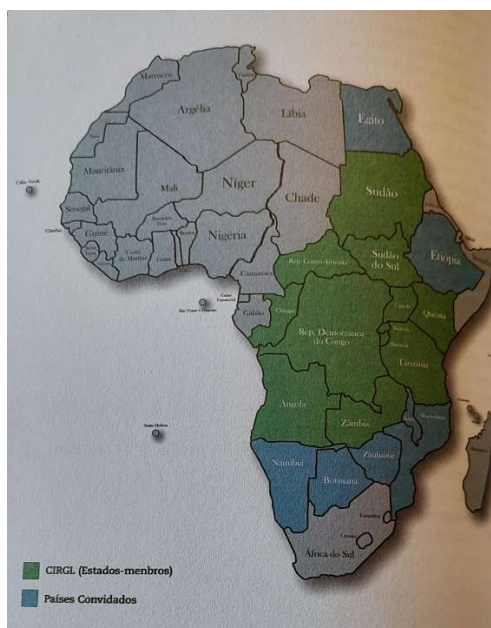


Figura 3.1. Mapa dos países que fazem parte do CIRGL (Sousa, 2022)⁴

A situação na RGL tem sido uma das razões para as diferentes instabilidades que ocorrem no Interland, cujo impacto Geográfico pode ser considerado assinalável e preocupante.

3.2 Causas Geográficas

São duas as causas, que considero mais importantes, para a actual situação o Interland: as duas Guerras no Congo – que fez crescer o terrorismo político, social e militar e, aliado a este muita da crise político-securitária – e a penetração do terrorismo religioso, bem como alguns movimentos separatistas

Sintetizemos alguns factores que impactam na instabilidade do Interland:

a. *Factores político-securitários*

- i) As sistemáticas crises político-militares na RDC, RCA e no Chade; dando a Angola a oportunidade de assumir a “gestão diplomática da situação”;
- ii) A proliferação de armas ligeiras na região (estimada em mais de 100 milhões de armas ligeiras ilícitas, só em África, Figura 3.2), que se disseminam por áreas limítrofes por vários meios (pirataria marítima, transportes rodo e ferroviário).

⁴ Adaptado pelo autor a partir do mapa do trabalho doutoral e editorial de Sousa, 2022

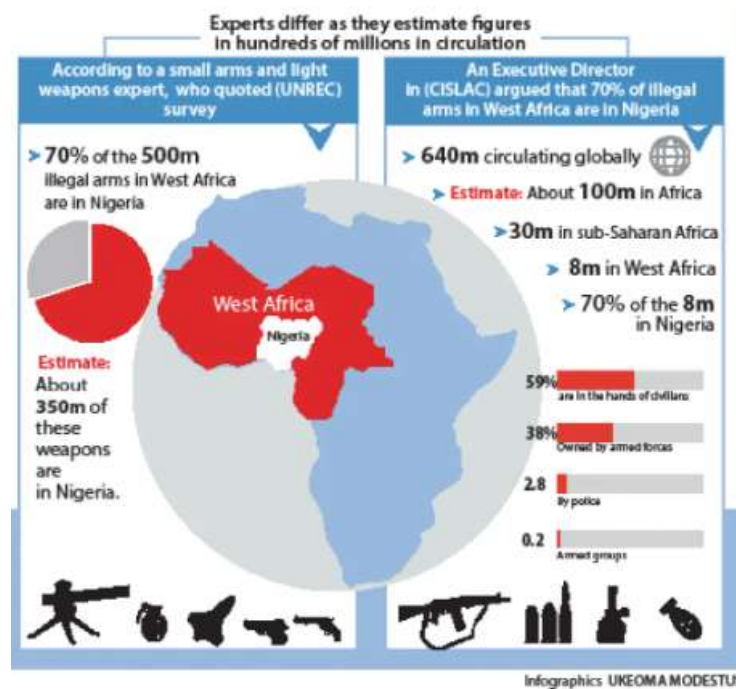


Figura 3.2. A proliferação das armas em África⁵

De registar que muitas destas armas são dispersas por via ferroviária através da chamada “rota da *Ka-pulana*”⁶ (Figura 3.3. onde a rota está assinalada a azul).

Segundo Fröhlich (2020), citando Nicolas Florquin, investigador do projeto independente “*Small Arms Survey*”, o que se vem notando é que “(...) nos últimos 10 a 20 anos é que, na verdade, é um fenómeno muito complexo com diferentes tipos de fluxos ilícitos de armas, que afetam diferentes tipos de sub-regiões em diferentes tipos de contextos. Na verdade, a maioria dos Estados participantes diz que o tráfico transfronteiriço dentro de África constitui a principal ameaça visível”.

⁵ Mapa adaptado pelo autor com base em mapa de Ibrahim *et al* (2020)

⁶ Sobre parte desta matéria aceder a Kraveirinya (2017).



Figura 3.3. Rota de Ka-pulana⁷

iii) A Rota da Ka-pulana (ou Capulanas) é caracterizada por usar a via ferroviária que vai de Lubumbashi, RDC, à Beira e Nacala, em Moçambique.

Mas também por esta mesma rota, Zâmbia, Botswana – ainda que com pouca relevância directa – e Namíbia, são alvo de tráfico armamentista, principalmente, nuns casos, e, ou, político, em outros, para sustentar as áreas onde o separatismo se faz sentir – se bem que, ultimamente, com pouca intensidade – levado a efeito por grupos separatistas ligados aos povos Lozi, a região do Barotse ou *Mubuso Bulozhi*, que integra a Zâmbia (*Barotse Patriotic Front – BPF*), Namíbia (*Faixa do Caprivi/Itenge* através dos separatistas do Caprivi Liberation Army – CLA e do Caprivi Liberation Front – CLF, este ligado ao BPF (Pike, 1999 & Canada: Immigration and Refugee Board of Canada, 2001)), Botswana, Zimbabwe e Angola (no caso de Angola é uma pequena área no Cuando Cubango) mas sem expressão

⁷ A denominada rota da *Ka-pulana* deve-se ao facto de muitas destas armas serem transportadas no meio dos vestidos (*Ka-pilanas*) que são enviadas para Moçambique, ainda que muitas possam ficar – e muitas ficam – na Zâmbia e no Zimbabwe e outras são enviadas para a África do Sul, via Botswana; adaptado pelo autor com base no mapa do “*Reliefweb - Southern Africa Rail Network*” (URL: <https://reliefweb.int/map/angola/southern-africa-rail-network>)

crítica em qualquer um destes três países; no caso de Angola, há ainda aos separatistas conotados aos Lunda-Tchokwe (MPPLT - *Movimento do Protetorado Português de Lunda Tchokwe* e PDDEL - *Partido Democrático da Defesa do Estado Lunda-Tchokwé*), que se movimentam mais por via política que armada, nas províncias das Lundas e do Moxico.

Esta mesma rota tem servido, igualmente, para alimentar outros tráficos, além das armas, que, no caso de Angola, está no tráfico de diamantes, e em Moçambique no tráfico de pedras preciosas exploradas no Norte deste país.

iv) A vontade expansionista de Paul Kagame (Ruanda), na área, desde a RDC à RCA, passando por Uganda e a Moçambique, bem como estar presente com “ditas” forças de manutenção de paz e de interposição em países da costa Ocidental de África, como Benin ou Burkina Faso (Moody, 2022).

Ainda que não se possa. Formalmente, acusar Kagame de ser um impulsionador de terrorismo não-religioso como o que se verifica, em especial, na RDC, são muitos os analistas que atestam que Kagame é o principal financiador do M23, uma organização terrorista com forte desempenho no nordeste da RDC, como adiante referiremos.

b. *O terrorismo*

Existem vários conceitos sobre o terrorismo. Destaquemos dois, entre vários que se podem retirar de muitos responsáveis teóricos (Brandão % Ferreira, 2019) sobre esta matéria: de acordo com Galito (2013 *apud* Brinco, 2020: 9), “*O terrorismo é uma forma instrumental de impor o medo sobre um povo, um governo ou um Estado*”, por sua vez, Sousa (2003 *apud* Brinco, 2020: 8), vai mais longe e afirma que “*O terrorismo é uma intimidação coerciva ou como o uso sistemático do assassinio, violência, destruição ou medo para criar um clima de terror, no sentido de chamar atenção para uma causa ou coagir um inimigo*”.

Na realidade, o terrorismo mais não é que uma forma escolhida por certos grupos ou organizações para alcançarem os seus objetivos políticos, económicos e, ou, sociais, usando, caso necessário, todos os meios disponíveis para obtenção dos fins em vista.

i). *Terrorismo político-militar ou convencional*

São os que operam unicamente sob base de vectores políticos, económicos. Os principais movimentos terroristas estão operacionais na RDC, ainda que neste país, também operem milícias terroristas com origem em países vizinhos. Os que se mais se destacam, são:

- *ADF – Forças Democráticas Aliadas* (Uganda) é um movimento terrorista islâmico que surgiu a partir dos anos 90, no Uganda, fundado por Jamil Mukulu. Este movimento surgiu no princípio com objectivo de expandir uma agenda Islâmica no país. Nos últimos anos, as ADF fizeram mais de 20 ataques nos países da região dos Grandes Lagos, com maior destaque a RDC. O grupo opera

na região há cerca de 30 anos, usando diversas técnicas de ataque a fim de criar terror, dando destaques a homicídios sequestros de indivíduos visando pressionar as autoridades da região em ceder aos seus objectivos.

- *LRA – Exército de Resistência do Senhor* (Uganda) Este grupo cuja sigla é derivada do inglês (*Lord's Resistency Army*), é uma organização terrorista que tem a sua origem no Uganda, na década dos anos 80 do século XX, cujo fundador é Joseph Kony, um cidadão bastante conhecido a nível internacional devido aos crimes de atrocidades cometidos contra os direitos humanos. Tudo começou quando na década de 80, Kony terá criado uma organização religiosa no Uganda, devido aos conflitos étnicos que o país vivia na altura. Com a criação do movimento religioso, pretendia alcançar o poder a fim de estabelecer um Estado orientado nas leis cristãs, pois Kony é conhecido por ser um fundamentalista cristão, por isso, tencionava ver seu país como uma nação baseada na teocracia.
- *ALiR – Exército de Libertação do Ruanda* (Ruanda) génese do actual Exército do Ruanda; era composto na sua maioria por rebeldes hutus interahamwe, fugidos para RDC após genocídio de 1984, de que foram dos principais responsáveis
- *RPF – Frente Patriótica Ruandesa* (Ruanda) rebeldes tutsis criados após golpe hutu contra monarquia em 1959.
- *FDLR – Forças Democráticas pela Libertação de Ruanda* (milícias hutu que operam no leste da RDC e dissidentes do Hutu Power – ideologia racista e etno-supremacista proposta pelos extremistas hutu no Ruanda que conduziu ao genocídio ruandês em 1994 contra os tutsi.)

Na RDC as principais zonas de conflito de milícias terroristas são, essencialmente, nas áreas junto do Ruanda e Burundi (e Uganda) nas províncias do Alto e Baixo Uélé, Ituri, e nas duas províncias do Kivu, bem como nas províncias do Kassai e Kassai Central, junto da fronteira Norte de Angola (mais adiante veremos como este conflito teve impacto forte em Angola). Alguns dos mais activos grupos terroristas;

- *Banyamulenge* – a maioria, de início, refugiados tutsi originários do Ruanda e Burundi, mas também espalhados por Tanzânia, Uganda e RDC. Após os genocídios de 1993 (Burundi) e de 1994 (Ruanda) uma parte substancial fugiu para a RDC onde se implantaram na região do Kivu. Com a II Guerra do Congo e devido a medidas do Governo de Kinshasa (Laurent-Désiré Kabila) começou a retirar terras a estrangeiros e os tutsi temendo ataques dos guerrilheiros hutu pediram ajuda a Kigali (Paul Kagame) que os armou (têm mantido milícias activas no Kivu Norte e no Kivu Sul) e de Kampala (Towari Museveni -ainda que mais discretas)
- *CODECO* – Cooperativa para o Desenvolvimento [Económico] do Congo (*Coopérative pour le développement du Congo*), fundado em 2003, é

essencialmente composto por milícias do grupo étnico Lendu; particularmente ativo na região de Djugu, palco de violência desde o final de 2017, província de Ituri;

- *Mai-Mai* – Grupos indiferenciados que são denominados desta forma e operam nas províncias do Kivu e de Ituri: a maioria foi formada para resistir à invasão de forças ruandesas e grupos rebeldes congolese afiliados a Ruanda (nomeadamente tutsi e todos os congolese de ascendência ruandesa); estão muito activos; no mês de Fevereiro de 2022 ocorreram 9 ataques na região Kivu e Ituri (um dos quais ocorreu em 21.Fevereiro.2022 a um posto das FARDC – *Forces armées de la république démocratique du Congo*), em Pumuziko-Kasopo, região de Béni, Ituri);
- *Milícias Kamusina Nsapu* – na linha dos Mai-Mai, operam, desde Agosto de 2016, essencialmente na região do Kassai (Kassai Ocidental e Kassai Central), próximo da fronteira com o Norte de Angola;
- *M23 – Movimento 23 Março (Mouvement du 23-Mars)*, mais conhecido como M23, mas também denominado “Exército Revolucionário Congolês (*Armée révolutionnaire congolaise*)”, tem a sua origem em antigos rebeldes do *Congrès national pour la défense du peuple* (CNDP) – criada por Laurent Nkunda para implantar uma administração rebelde estabelecida na região de Kivu. O CNDP lutou além de ter combatido as FARDC, também combateu as FDLR. Parece manter inoperativo desde o cessar-fogo de 2007 e com a implantação do M23. Estes operam nas províncias orientais, nomeadamente em Kivu Norte, tendo chegado a ocupar a capital, Goma, tendo, de início, cessado as suas operações em finais de 2013; todavia, foram um dos 3 possíveis movimentos que, em Outubro 2019, foram apontados como responsáveis pela morte do embaixador italiano Luca Attanasi. Na realidade, são os que estão mais activos, tendo, inclusive ocupado algumas cidades no nordeste congolês. São apontados como gozando de declarado apoio de Kagame;
- *Milícias Nyamura* – milícias hutu congolese operacionais no Nordeste da RDC; actividade intermitente;
- Além destes aqui referidos, sabe-se que operam mais de uma dezena de milícias e movimento terroristas na RDC com actividades não permanentes ou “agrupadas” ao estilo Mai-Mai.

ii) *Terrorismo religioso*

Destacam-se três países que no Interland ou próximo dele, pelas interferências que recebe deste, mais sentem os efeitos do terrorismo religioso: o Chade e a República Centro-Africana (RCA), no Heartland, mas que não deixa de ter algum impacto no terrorismo geral da RGL, como na RDC – adiante referido no ponto 4 –, e em Moçambique (ainda que Moçambique tenha, também sentido os efeitos, e quase em simultâneo e durante um curto período, de terrorismo não-religioso; ambos os casos

moçambicanos serão mais desenvolvidos nos impactos que todos estes temas têm em Angola e Moçambique).

Porque quer Chade, como a RCA têm impacto, mesmo que não direto, no terrorismo que trespassa as províncias do Norte moçambicano, analisemos, de forma sucinta, estes dois casos de terrorismo religioso:

No Chade, a maioria dos ataques terroristas de cariz religioso, são imputados aos nigerianos do *Boko Haram* (Almeida, 2018a & ADF, 2023). De uma forma resumida, o Boko Haram, terá sido criado em 2002, pelo clérigo muçulmano Mohammed Yusuf e oficialmente seria denominado de “*Jama’atu Ahlis Sunna Lidda’awati wal-Jihad*” ou “*Pessoas comprometidas com os Ensinamentos do Profeta para Propagação e Jihad*”, que nas línguas do norte da Nigéria significa, e em tradução livre “*a educação ocidental ou não-islâmica é um pecado/ou proibida*”. Há quem os denomine, ou se auto-denominam, também, como *Grupo do Povo Sunita para a Convocação e a Jihad ou Talibã Nigeriano* (Almeida, 2018a).

No caso da RCA (Madrinha, s/data & Brinco, 2020) os principais grupos rebeldes, ou terroristas religiosos – depende da perspectiva dos analistas locais e internacionais –, são o *Séléka* (significa “*aliança*” na língua sango), uma coligação de matriz islâmica, e o *anti-Balaka* (ou “*contra a espada*” – símbolo islâmico –, nas línguas locais sango e mandja), que é, predominantemente, composto por milícias cristãs e animistas. Todavia, existem grupos terroristas que se pode incluir neste grupo de terroristas religiosos e que são, na sua maioria, compostos por antigos rebeldes *Séléka* e alguns antigos *anti-Balaka* que se digladiam entre si, ao contrário dos *Séléka* e *anti-Balaka* que, lutando entre si, visam, essencialmente, procurarem cimentar o seu poder nas instituições.

Recentemente um dos antigos líderes do grupo *anti-Balaka*, Maxime Jeoffroy Eli Mokom Gawaka, foi entregue ao Tribunal Penal Internacional (TPI) sob acusação de crimes contra a Humanidade, que terão sido perpetrados entre 2013 e 2014.

c. *Movimentos separatistas*

A maioria dos casos separatistas já foram referenciados no tema relacionado com a “*Rota da Ka-pulana*”. Todavia, há dois países onde esses movimentos mais estão activos: RDC e Angola (a área angolana que será referida pode ser totalmente enquadrada no Interland)

i) *RDC*

Durante muito tempo a região do Katanga, ou Shaba, esteve desaparecida dos holofotes internacionais. Todavia, em vésperas de final do ano de 2018, uma auto-intitulada *Alliance des Forces Patriotiques Katangaises*, através de um documento emitido em 27 de Dezembro de 2018 e assinado por, entre outros André Tshombe, talvez um descendente do primeiro presidente da antiga República do Katanga, Moise Tshombé, iria declarar em 1 de Janeiro de 2019 a République du Katanga. No referido documento davam conta de o mesmo ter sido enviado à ONU, e ao, então, ao Presidente em exercício da UA, Paul Kagamé, ao presidente em exercício da

SADC, o presidente namibiano Hage Gottfried Giengob, a Jean Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia e ao enviado especial dos EUA para a Região dos Grandes Lagos, John Peter Pham (Almeida, 2018)

ii) Angola

No caso de Angola, além da província de Cabinda que não se insere neste ensaio, são dois os movimentos que mantêm uma actividade separatista ou pró-separatista, ligados ao povo Lunda-Tchokwe das províncias da Lunda Norte, Lunda-Sul e Moxico. Os separatistas reclamam do que consideram ter sido o desrespeito pelo Acordo de Protectorado assinado entre Portugal (representado pelo Conselheiro Francisco da Costa e Silva e por Henrique de Carvalho) e o Reino dos Lundas e dos Tchokwe, em 1885 e 1894⁸.

- MPPLT – Movimento do Protetorado Português de Lunda Tchokwe (D'Avillez, 2021⁹) e terá nascido em 2006; considera-se um movimento político não-armado e defende que a região Lunda-Tchokwe ainda está sob protectorado português, pelo que solicita independência em função do direito natural e juridicamente dos tratados de protectorados assinados pelos ancestrais Lunda com os portugueses, ou uma autonomia a semelhança das ilhas de Madeira e Açores com Portugal;
- PDDELT – Partido Democrático da Defesa do Estado Lunda-Tchokwé¹⁰: trava uma batalha jurídica pela separação das províncias e a implantação do Estado Lunda-Tchokwe, iniciada em 2009, em Angola, e a partir de 2013, pleita junto do TPI. Além das províncias da Lunda-Norte, Lunda Sul e do Moxico, reivindica a inclusão de parte substancial da província do Cuando-Cubango.

4. Impactos mais significativos em Moçambique e Angola

Dado a sua especificidade e porque, em boa verdade, é em Moçambique que os impactos do terrorismo, principalmente e com especial destaque para o terrorismo religioso, mais se faz sentir, que que em Angola – aqui predominam problemas secessionistas – é pelo país do Índico que se começará esta abordagem.

a. Moçambique

i) O início

⁸ Cf. em FMFWorld.Org, URL: <https://freemindfreeworld.org/angola-portugal-e-a-sua-responsabilidade-sobre-a-lunda-tchokwe/>

⁹ Sobre o que desenvolve o MPPLT, pode ser conferido pelo seu blogue, através o link: <https://protectoradodalunda.blogspot.com/>

¹⁰ Sobre este movimento, a única informação disponível só é acedida através de uma página de Facebook, cujo link é <https://www.facebook.com/groups/1616138305311401/permalink/2008205282771366/>

Desde 5 de Outubro de 2017, que as províncias de Cabo Delgado – primeiro – e, mais recentemente, a de Niassa, sentem os efeitos de uma revolta de índole religiosa e de origem islâmica.

De início os ataques que ocorreram na província de Cabo Delgado, no distrito de Mocimboa da Praia, foram atribuídos ao *al-Shabaab* (da Somália). As novas correntes dão como sendo ramificações terroristas com origem ou no grupo *Ahlu Sunna Wa-Jama*¹¹ (Stanford 2019 & Columbo, 2020), embora a maioria se incline mais para o *ISIS-Moçambique* – e tudo parece indicar nesse sentido –, afiliada do *Estado Islâmico na Província da África Central* (ISCAP), que já reivindicou os referidos ataques. Este grupo islâmico de que também fará parte o somali *al-Shabaab*, é originário, ou estará sediado, no Mali. Ainda que com pouca relevância tem sido registados alguma presença do ISCAP na RDC (*ISIS-RDC*¹²), bem como no Quênia.

ii) *Os ataques e a presença do Grupo Wagner*

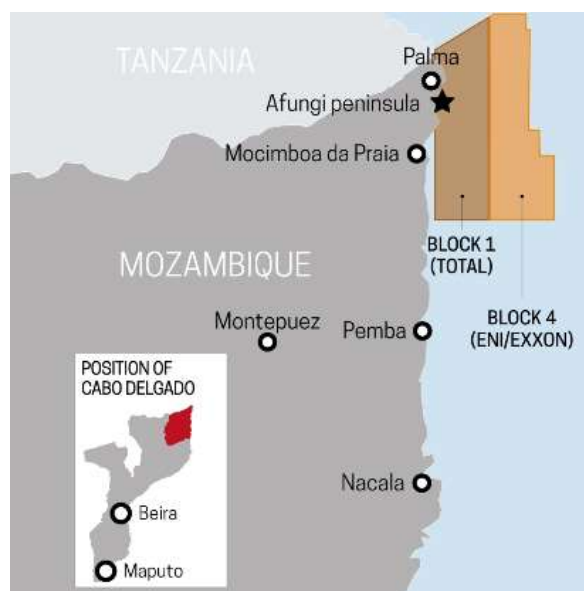


Figura 4.1 As empresas petrolíferas que opera(va)m no offshore de Cabo Delgado¹³

Desde o início que o Governo do presidente Nyusi se recusou a aceitar a insurreição e quem a praticava; quando tomou consciência da amplitude – principalmente após a fuga das empresas petrolíferas *ELF-Total* e do grupo *ENI-ExxonMobil* (Figura 4.1) –, o Governo optou por solicitar apoio militarizado do *Grupo Wagner* (em russo, *Grupa Vagnera*), uma organização paramilitar de origem russa. Há quem descreva o

¹¹ É um grupo terrorista somali, formado em 1991, e essencialmente constituído por islamitas moderados, de rito sufista, que se opõem ao que consideram grupos islamitas radicais como o *al-Shabaab*.

¹² O *ISIS-RDC* é também conhecido como *Forças Democráticas Aliadas* (FDA) ou *Madina em Tauheed Wau Mujahedeen*, entre outros nomes, e é responsável por muitos ataques nas províncias de Kivu do Norte e de Ituri, no leste da RDC (US Department of State, 2021)

¹³ Fonte: Africa Intelligence, URL: <https://www.africaintelligence.com/serial/cabo-delgado-a-gas-eldorado-and-security-nightmare>

Grupo Wagner como sendo uma empresa militar privada com fortes ligações ao governo russo que actua em várias regiões pelo mundo. A organização terá sido fundada em 2007, na Rússia, pelo ex-oficial do exército russo, Dmitriy Valeryevich Utkin. Os primeiros relatos da existência da organização emergiram por volta de 2014, durante a guerra-civil no leste da Ucrânia, quando soldados do exército ucraniano enfrentaram membros de uma organização militar misteriosa, cujos soldados falavam russo. A existência da organização foi confirmada pelo governo russo em 2016, logo após fotos de um encontro que Utkin teve com o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin. O Grupo Wagner tem sido, também, denominado como o exército privado do Putin, financiada pelo oligarca Evgueni Progozhin, amigo íntimo de Putin e detentor da maioria das empresas de catering que fornecem as actividades políticas de Putin. Além de russos – maioritariamente – o grupo integra – ou integrava –, em menor número, ucranianos e sérvios; esta reduzida incorporação deve-se ao facto desta organização ser considerada extremamente xenófoba e com ligações a organizações neonazis.

O grupo Wagner aparece, desde Setembro de 2019, associado à tentativa de estancar a rebelião em Moçambique, que ameaçava interromper o investimento estrangeiro crucial para a exploração das reservas de gás natural do país, que se acredita valer biliões de dólares. Um negócio em que os russos parecem muito interessados.

No entanto, sobre esta presença, há pronunciamentos diferentes, entre o Governo de Moçambique e os russos, sobre o papel dos Grupo Wagner. Por exemplo, o ministério da Defesa de Moçambique demonstrava nada saber sobre a sua presença. O site do *media* “Carta de Moçambique”, indica que o porta-voz do ministério, afirmava que era uma “novidade” saber que o país recebeu apoio militar russo apesar dos enormes carregamentos de armas e helicópteros que haviam chegado a Nacala por via marítima e aérea. Este desenvolvimento operacional ocorreu, em Setembro de 2019, e deu-se na sequência da visita do presidente Filipe Nyusi, um mês antes, a Moscovo, sendo mesmo a primeira visita à Rússia de um chefe de Estado moçambicano em duas décadas.

Apesar da supremacia aérea total, da mobilidade em terra, excelentes comunicações e acesso a equipamento sofisticado – incluindo drones – os mercenários russos, no Norte de Moçambique, acabaram por se retirar face a uma terrível força *jihadista* com raízes somalis¹⁴, e perante o número de mortos em emboscadas – diga-se que foi algo que ocorreu desde o início (Sauer, 2019) –, tanto em Macomia e como em Muidumbe; não obstante a diplomacia russa alegou que não teve conhecimento das baixas.

Mas antes, o comando mercenário havia alertado o governo de Maputo que as condições no Norte eram “insustentáveis”, embora uma fonte credível na África do Sul tenha indicado que, na região, houve sérias divergências entre a estrutura de comando do Grupo Wagner e as Forças Armadas de Defesa de Moçambique

¹⁴ Cf. Air war analysis, BR May 2020 #386

(FADM; também reconhecidas por Forças de Defesa e Segurança moçambicanas – FDS). Como consequência, as patrulhas que os mercenários do Grupo Wagner faziam no mato, foram interrompidas no que foi relatado em Pemba, Nacala, e noutros pontos do Norte, levando a haver uma clara quebra de confiança entre os mercenários do Grupo Wagner e as FADM.

De notar, entretanto que a certa altura o Grupo Wagner tinha apoio aéreo, principalmente, do grupo sul-africano de segurança, Paramount Group, que, segundo o site WikiNotícias, citando o site DefenceWeb, terá fornecido helicópteros *Gazelle*, supostamente à Força aérea moçambicana, mas que operariam junto com os mercenários do Grupo Wagner. Também a empresa de segurança privada sul-africana Dyck Advisory Group (DAG) terá participado ao lado das FADM no combate aos insurgentes islâmicos, havendo dúvidas se terão apoiado o Grupo Wagner (Carta, 2020 & Nhantumbo, 2022).

Esta situação não era o agrado do Governo sul-africano, porque além do apoio, ainda que, supostamente, indirecto das empresas privadas sul-africanas, os resultados demonstraram muita ineficácia, baixas de homens e material aéreo, levando a críticas severas do presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, que exigiu a saída dos sul-africanos da área de combate, o que veio a acontecer. Mas a presença sul-africana em Cabo Delgado não se cingiu aos combates contra os terroristas islâmicos. Entre estes haviam combatentes sul-africanos (Maluleque, 2021).

Em 2021 o Grupo Wagner abandonou Moçambique.

iii) A intervenção ruandesa e a presença da SAMIM

Com a saída do Grupo Wagner e face à inoperância das FADM, e apesar de todos os conselhos quer da SADC, em geral, ou da troika da Órgão de Política, Defesa e Segurança da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (OPDS), em particular, no sentido de Moçambique solicitar ajuda militar, no âmbito das ASF (*African Standby Forces* ou Forças Africanas de Intervenção Rápida (Almeida, 2022)), o Governo de Nyusi optou por solicitar, de acordo com Kagame, o apoio das forças armadas ruandesas para combater os terroristas islâmicos.

As Forças Armadas do Ruanda (ou *Forces rwandaises de défense* – FRD) estão presentes em Moçambique desde inícios de Julho de 2021, com um grupo de cerca de 1.000 efectivos – actualmente já ultrapassam os 2.500 militares presentes em Moçambique (Cascais, 2022). Segundo Nyusi a presença destas em solo moçambicano ocorre a pedido do seu Governo¹⁵, se bem que a oposição afirme que a presença ruandesa está ferida de ilegalidade, dado que a Assembleia da República não terá sido informada desse pedido, nem tão-pouco a SADC (Rodrigues, 2021). Acresce, ainda, que a maioria dos observadores considerem que, na realidade, os

¹⁵ A presença das FRD só foi confirmada por Nyusi em 9 de Julho de 2021 (Pongoane & Miguel, 2021)

ruandeses ter-se-ão imposto pedido dos investidores e empresas estrangeiras que operam no offshore da província de Cabo Delgado, como adiante se verá.

Por sua vez a Missão Militar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM – *SADC Mission In Mozambique*¹⁶) foi formalmente criada, sob a tutela e âmbito da troika OPDS, em, 15 de Julho de 2021, após a sua aprovação pela Cimeira Extraordinária de Chefes de Estado e de Governo da SADC, realizada a 23 de Junho de 2021, em Maputo, como resposta regional para apoiar Moçambique no combate ao terrorismo e aos actos de extremismo violento. Apesar de estar presente em toda a área da província do Cabo Delgado, opera, essencialmente, nos distritos de Muidumbe, Nangade, Macomia e Quissanga.

Em Janeiro de 2022, a SADC prorrogou mandato da SAMIM até Abril próximo¹⁷. De notar que, inicialmente, estavam previstos participarem cerca de 1.495 membros do “*Combat Team Alpha*” da SANDF (Força de Defesa Nacional Sul-Africana), mas, de início, só estarão em combate cerca de 300 militares sul-africanos (Martin, 2022a & Gibson, 2022).

Um dos problemas das Forças conjuntas é evitar o aniquilamento do grosso dos insurgentes e provocar uma “pulverização” de milícias como ocorre na RDC e que se espalhem por outras províncias.

Desde o início que sou de opinião que há interesses tanzanianos nesta crise em Cabo Delgado, nomeadamente territoriais (reposição de fronteiras perdidas como compensação da WW1) e económicos (zona rica em ouro, pedras preciosas e hidrocarbonetos – mesma razão no litígio com Malawi, no Lago Niassa). Recentemente, a SAMIM prendeu 3 tanzanianos do ISCAP – há fundadas hipóteses de algumas das bases terroristas, implantadas em Moçambique, serem lideradas por tanzanianos (Carta, 2022) – e terá abatido um dos líderes da ISCAP que operavam em Cabo Delgado.

Embora esta seja a primeira vez que os tanzanianos são presos por serem membros do ISCAP (Carta, 2022), as operações entrelaçadas entre os dois braços operacionais, o de Moçambique e o da RDC, são inequívocos. As ligações e cooperação entre os *jihadistas* tanto em Moçambique como na RDC é um tema recorrente. Além disso, é um facto que a organização em Moçambique tem uma presença substancial de tanzanianos e, como tal, não é insondável que os tanzanianos estejam recebendo treinamento e combatendo em Beni e Ituri (RDC).

Quanto à possível – e necessárias – cooperação entre as forças ruandesas e as da SAMIM, os ruandeses são acusados de operarem “em separado” e sem coordenação com as FADM e a SIMIM. Um dos factos que ressalvam da presença das FRD, é

¹⁶ Cf. *SADC Mission in Mozambique (SAMIM) in Brief*; URL: <https://www.sadc.int/latest-news/sadc-mission-mozambique-samim-brief>

¹⁷ Face à não desmobilização dos terroristas e à contínua violência no Norte de Moçambique, apesar da presença de milhares de soldados, a SAMIM decidiu não demarcar uma possível data para o fim da sua operação (Martin, 2022b)

que estas não têm “prazo de presença”. Não se sabe quem financia as forças ruandesas. A União Europeia (UE) financia as SAMIM¹⁸; a China apoia a SAMIM quer em dinheiro, quer em apoio aéreo (drones); os ruandeses, apesar de Kagame afirmar não ter apoio externo, fala-se que só tem apoio financeiro da França, em geral, e da ELF-Total, em particular. O certo é que o site *Africa Intelligence*¹⁹, afirma que a *TotalEnergies* decidiu, inesperadamente, colocar uma empresa de construção ruandesa, próxima de Kagame, na “*short list*” de empresas que operarão no âmbito da de Moçambique LNG; o mesmo site afirma que a gigante francesa *TotalEnergies* tem uma dívida a pagar ao Ruanda pelo papel das FRD no restabelecimento da segurança na província de Cabo Delgado.

iv) *O impacto nas eleições moçambicanas*

De uma maneira geral, o terrorismo no Norte de Moçambique, e em particular em alguns distritos da província e Cabo Delgado, tem condicionado, desde 2019, as sucessivas eleições. Porém, a Comissão Nacional Eleitoral (CNE) moçambicana não teme esse impacto porque, segundo a CNE, já em outras anteriores ocasiões, por quando dos conflitos e da insurreição armada levada a efeito por alguns dissidentes rebeldes da RENAMO – liderados pela auto-intitulada Junta Militar de Resistência Nacional, sob comando, até Outubro de 2021, pelo falecido Mariano Nhongo, que não reconhece a presidência de Ossufo Momade, no partido da “perdiz”, nem credibilizam processo de “Desmobilização, Desarmamento e Reintegração (DDR)” para os antigos guerrilheiros RENAMO –, em particular nas províncias de Manica e Sofala, no Leste do país, não deixaram de ocorrer – com as necessária e normais limitações – as eleições autárquicas, legislativas e presidenciais.

Ainda que a CNE admita que as próximas eleições autárquicas de Outubro de 2023, e as gerais de 2024, possam ficar prejudicadas na província de Cabo Delgado, e em algumas partes da província do Niassa²⁰, onde também já têm ocorrido alguns recontros com os terroristas islâmicos – ainda que sem grande impacto local – de uma maneira geral as mesmas ocorrerão sem constrangimentos. Excepto os que advenham por problema logísticos e financeiros.

b. Angola

De uma maneira geral, os impactos em Angola são reduzidos, ainda que já se comece a sentir alguma penetração das ideias radicais islamitas no Leste do país aliado à instilação de algumas mesquitas em cidades angolanas, com particular destaque para Luanda, mas, também, na província da Lunda-Norte (Frederico, 2019), em grande parte

¹⁸ A União Europeia pondera também apoiar as forças ruandesas, face à presença de empresas europeias na exploração do gás moçambicano e destas poderem contribuir para a redução da dependência de fornecimento de gás da Rússia (Marks, 2022).

¹⁹ Cf. em <https://www.africaintelligence.com/southern-africa-and-islands/2022/03/01/totalenergies-puts-construction-group-close-to-kagame-on-mozambique-lng-short-list.109737227-art>

²⁰ Cf. e-Global, (2022), no link <https://e-global.pt/noticias/lusofonia/mocambique/mocambique-registadas-25-ocorrencias-de-violencia-armada-nas-provincias-de-cabo-delgado-e-niassa/>

devido à presença de pessoas oriundas o Líbano, da Mauritânia, do Mali, entre outras no que já levou à criação de uma organização de muçulmanos, o Conselho Islâmico de Angola (Consia), que deseja ver o Governo de Angola reconhecer o Islão como religião²¹, prevendo-se que haja, em Angola, uma *Umma*²² de cerca de 800.000 crentes agrupados em cerca de 120 mesquitas (*masajid* – plural de *masjid*, a mesquita) não-oficializadas.

Apesar de continuar a haver uma certa inquietação junto da comunidade angolana pelo crescimento do islamismo no País – o que leva a haver alguma islamofobia²³, talvez, em parte, por rumores que chegaram a circular como “denúncias de tentativas de raptos de crianças por supostas cidadãs, alegadamente fiéis da religião islâmica”²⁴ –, isso não impede de, recentemente, um grupo de personalidades muçulmanas ponderarem solicitar a legalização de um partido de matiz islâmica.

Já quanto às restantes actividades que podem influenciar ou condicionar a vida política, social, e, ou, militar, sintetizemos estas duas seguintes, um de âmbito terrorista e outra sob o prisma do separatismo:

- Devido os combates nas províncias do Kassai (Kassai Ocidental e Kassai Central), em 2017, milhares de refugiados atravessaram a fronteira angolana da província da Lunda Norte e refugiam-se no país. A maioria são da área de Kananga (Kassai Ocidental). É opinião das autoridades provinciais, que alguns refugiados, serão membros infiltrados das milícias congolosas Kamusina Nsapu, sendo acusados de praticarem o garimpo ilegal e enviarem o produto para a RDC, com vista ao financiamento das actividades deste grupo terrorista;
- Além do já referido na secção relacionada com o separatismo, o MPPLT, por várias vezes, tem sido acusado por algumas autoridades provinciais da Lunda Norte – mais nesta –, Lunda-Sul e Moxico, de estarem armadas, seja com armas fornecidas pelo Kamusina Nsapu, seja por as que recebe por via férrea a partir de Lubumbashi, RDC, entrando via Luau, província do Moxico, cidade fronteiriça e importante posto ferroviário do Caminho-de-Ferro de Benguela (CFB) e *terminus* do “Corredor do Lobito”.

Uma das razões que se prendem com estas acusações, está, por exemplo, n os recentes confrontos de Cafunfo, município de Cuango, província da Lunda.- Norte, devido a um conflito, ocorrido na madrugada de 30 de Janeiro de 2021, entre manifestantes do MPPLT e a Polícia Nacional – segundo esta alguns dos

²¹ Recorde-se que, em 2013, um jornal espanhol, citando o diário marroquino “*La Noubelle Tribune*”, acusou Angola de ser um país anti-islâmico, ao proibir a prática do Islão.

²² *Umma* ou *Ummah*, é comunidade que agrupa os muçulmanos numa área ou, em geral, no Mundo (Almeida, 2003: 20).

²³ Esta eventual islamofobia, poderá estar assente em teses político-histórico-culturais que questionam a pertinência e a implantação do Islão em Angola. Um dos que se interrogam sobre esta “invasão silenciosa” é Ngalula Mukuba (2022). Por outro lado, Heloisa Paes de Souza (2017) considera Angola como um “cenário hostil para a comunidade islâmica”.

²⁴ Cf. *A Semana*, URL: <https://www.asemana.publ.cv/?Angola-119-mesquitas-e-800-mil-islamicos-Sinais-de-islamofobia>

manifestantes empunhariam além de armas brancas diversas e catanas, usariam espingardas tipo AKM e explosivos artesanais –, o que levou o Ministério Público da Lunda Norte, a acusar o líder José Domingos Mateus ‘Zecamutchima’ e outros 24 membros de pertencerem a uma organização ilegal e de práticas de actos de rebelião²⁵.

No entanto, o Tribunal que julgou e condenou líder do MPPLT, bem como os restantes 24 simpatizantes do movimento, à pena de 4 anos e meio de prisão efectiva, só acolheu a acusação de pertencerem – e unicamente, por esse facto, – a uma organização não legal (as acusações de “*actos de rebelião*” não foram aceites pelo Tribunal²⁶). Zecamutchima está a cumprir a pena num estabelecimento prisional da província de Benguela²⁷.

- De uma maneira geral, as recentes eleições legislativas angolanas não foram prejudicadas por estas actos de eventual separatismo. Inclusive, o Partido de Renovação Social (PRS) que se define centro-esquerda e, em especial, federalista – deseja que uma das áreas federadas ou seja, precisamente as que congregam as Lundas e Moxico, se torne em um Estado dentro da República de Angola – muito implantado nesta região, obteve um dos seus piores resultados, conquistando 71.351 votos representando só 2 deputados – e a nível nacional (Angola elege deputados por províncias (5 por cada uma das 18 províncias) e por eleição nacional); quando no início do multipartidarismo chegou a ser o maior partido das Lundas, tendo em 2008, sido o terceiro maior partido registando 173.546 votos, que representam 3,14% do total e 8 deputados –, o que representa, cerca de 1,4%.

Considerações finais

Há uma forte actividade terrorista, tanto político-militar, como religiosa, no Interland Centro-Austral Africano, incluindo Angola e Moçambique. A livre circulação de pessoas e armas, principalmente por via ferroviária, não será estranha a esta contínua movimentação;

A situação na RDC e na Região Grandes Lagos influenciam, e fortemente, o Interland e, por extensão, o Heartland. Há a crescer a cada vez maior interferência do Ruanda e do seu presidente Paul Kagame nas questões da região;

²⁵ Cf. Novo Jornal (online), de 25 de Fevereiro de 2022, através do link: <https://novojornal.co.ao/sociedade/interior/cafunfolunda-norte-zecamutchima-e-outros-24-membros-do-mpplt-condenados-a-quatro-anos-e-meio-de-prisao---defesa-recorreu-da-sentenca-107003.html>

²⁶ Ibidem.

²⁷ De acordo com notícias recentes, Zecamutchima deverá ser, em breve, libertado devido à amnistia declarada, recentemente, pelo presidente João Lourenço (Silva, 2023), através da “Lei da Amnistia Geral”, que entrou em vigor em Dezembro de 2022, e que se aplica a cidadãos que tenham cometido crimes comuns, entre 12 de Novembro de 2015 a 11 de Novembro de 2022, e que tenham sido condenados a penas até oito anos de cadeia.

Além do terrorismo, regista-se outras actividades, como o separatismo, nomeadamente em Angola, ainda que o exceptuando a que se regista na ribeirinha atlântica província norte de Cabinda, que não faz parte do Interland, os períodos de activismo separatista estão circunscritos – e mais por via de manifestações político-jurídicas, que armadas – às províncias da Lunda-Norte e Lunda-Sul e do Moxico;

O terrorismo de origem religiosa em Moçambique não parece estar a decrescer e há dúvidas nos apoios militares, em particular quanto ao que tange à presença, financiamento e à manutenção das forças militares ruandesas em território moçambicano e, mesmo, já começa a se sentir algum cansaço junto de alguns elementos da SAMIM;

Angola além do referido problema efectivo de separatismo em Cabinda, o principal principal factor de instabilidade na área, será a presença de refugiados, devido ao terrorismo na RDC, e de como alguns destes podem estar a apoiar movimentos terroristas na região congoleza do Kassai.

A nível eleitoral enquanto Moçambique tem registados alguns problemas somente em zonas de violência armada, com são os casos do terrorismo islâmico nas Províncias de Cabo Delgado – em particular – e de Niassa, e de recontros armados m certas zonas das províncias de Manica e Sofala, devido às actividades de dissidentes rebeldes da Junta Militar, em Angola não sente, com particular relevo, o impacto do separatismo nas sucessivas eleições gerais.

Referências Bibliográficas:

Almeida, E.C. (2022). *As dinâmicas de segurança em África*; in: Revista Militar nº 10 – outubro 2022, pp:841-868.

Almeida, E.C. (2020). *Angola como potencia regional e a diplomacia de proximidade em África*; URL: https://www.academia.edu/43213407/eca_2020_Angola_como_pot%C3%Aancia_regional_e_a_diplomacia_de_proximidade_em_%C3%81frica (consultado em 18.Fevereiro.2023).

Almeida. E. C. (2018a). *Crise e Conflitos em África – Século XXI (2ª parte)*; Aula-aberta de Seminário de Investigação, do Mestrado em Relações Internacionais, na Universidade da Beira Interior, Covilhã, 8 de Junho de 2028; URL: https://www.academia.edu/37978738/Crise_e_Conflitos_em_%C3%81frica_S%C3%A9culo_XXI_2a_parte_de_Aula_aberta_de_Semin%C3%A1rio_de_Investiga%C3%A7%C3%A3o_Mestrado_em_Relat%C3%A7%C3%B5es_Internacionais_na_UBI (consultado em 20.Fevereiro.2023).

Almeida. E. C. (2018b). *Republique du Katanga*; in: Vivências Press News (online), Dezembro 31, 2018; URL: <https://vivenciaspressnews.com/republique-du-katanga/> (consultado em 20.Fevereiro.2023)

Almeida, E.C. (2003). *Fundamentalismo Islâmico: A Ideologia e o Estado*. Azeitão. Autonomia 27 Lda., Dezembro de 2003.

Brandão, W. R. L. & Ferreira, Á. M. (2019). *O Terrorismo e a multiplicidade de interpretação lógica racional das teorias racionalistas*; in: ERABED, Associação Brasileira de Estudos de Defesa; URL: https://www.erabedsudeste2019.abedef.org/resources/anais/12/erabedsudeste2019/1571531282_ARQUIVO_38f0ac0fa34c5df82a590e631a2cf72d.pdf (consultado em 21.Fevereiro.2023).

Brinco, R. N. S. (2020). *O Terrorismo Religioso na Região dos Grandes Lagos Africanos*; Dissertação para o Mestrado em Relações Internacionais, Universidade da Beira Interior, Junho 2020; URL: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11086/1/7579_16394.pdf (consultado em 1/Março/2022).

Carta (2020). *Militares privados sul africanos e Força Aérea moçambicana realizam ataques aéreos contra terroristas em Cabo Delgado*; URL: <https://www.cartamz.com/index.php/politica/item/4879-cabo-delgado-militares-privados-sul-africanos-e-forca-aerea-mocambicana-realizam-ataques-aereos-contra-terroristas-em-cabo-delgado> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

Carta (2022). *Tanzanianos lideram as principais bases terroristas em Cabo Delgado*; in: Carta de Moçambique, (online); 15 Fevereiro 2022 05:36 URL: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/9954-tanzanianos-lideram-as-principais-bases-terroristas-em-cabo-delgado> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

Cascais, A. (2022). *O que ganha o Ruanda com a intervenção em Cabo Delgado?*; in: DW online, 19/12/2022; URL: <https://www.dw.com/pt-002/o-que-ganha-o-ruanda-com-a-interven%C3%A7%C3%A3o-em-cabo-delgado/a-64155241> (consultado em 24.Fevereiro.2023)

Columbo, E. (2020). *The Secret to the Northern Mozambique Insurgency's Success*; in: War on the Rocks, October 8, 2020; URL: <https://warontherocks.com/2020/10/the-secret-to-the-northern-mozambique-insurgencys-success/> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

D'Avillez, F. (2021). *O que é o Movimento do Protetorado de Lunda Tchokwe?*; in: RR Renascença (online), 01 fev, 2021 - 19:33; URL: <https://rr.sapo.pt/noticia/mundo/2021/02/01/o-que-e-o-movimento-do-protetorado-de-lunda-tchokwe/225014/> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

Frederico, D. (2019). *Angola: 39 Mesquitas encerradas na Lunda Norte*; in RFI (online), 26/02/2019 - 19:08 Modificado a: 26/02/2019 - 19:16;; URL: <https://www.rfi.fr/pt/angola/20190226-angola-39-mesquitas-encerradas-na-lunda-norte> (consultado em 20.Fevereiro.2022).

- Fröhlich, S. (2020). *África: Conseguirá o continente calar as armas em 2020?*; in: DW online; URL: <https://p.dw.com/p/3W7Ay> (consultado em 1.Março.2022).
- Gibson, E. (2022). *SANDF deploys Combat Team Alpha to fight Mozambique insurgents*; in: News 24, 21 Feb 2022; URL: <https://www.news24.com/news24/southafrica/news/sandf-deploys-combat-team-alpha-to-fight-mozambique-insurgents-20220221> (consultado em 25.Fevereiro.2022).
- Ibrahim, A. A., R. Mutum & S. E. Sunday (2020). *How Illicit Weapons Fuel Nigeria's Insecurity*; in: Daily Trust, 17 Feb 2020 2:00:17; URL: <https://dailytrust.com/how-illicit-weapons-fuel-nigerias-insecurity/> (consultado em 18.Fevereiro.2023).
- Immigration and Refugee Board of Canada (2001). *Namibia: The Caprivi Liberation Front (CLF): its goals and methods; whether its members have been arbitrarily detained, beaten or otherwise mistreated by the police (August 1999 - March 2001)*; Research Directorate, Immigration and Refugee Board, Canada, doc. NAM36458.E, 19 March 2001; URL: <https://www.refworld.org/docid/3df4be774.html> (consultado em 23.Fevereiro.2023).
- Kraveirinya, M. (2017). *KaPulana, tecido de Moçambique – a verdadeira história*; Lisboa, edição de autor, Setembro de 2017 (edição bilingue português-inglês).
- Madrinha, M. (s/data). *República Centro-Africana*; in Jornal I - Especial, URL: <https://ionline.sapo.pt/especiais/republica-centro-africana/> (consultado em 25.Fevereiro.2023)
- Maluleque, M. (2021). *Envolvimento de sul-africanos no conflito em Cabo Delgado*; in DW online, 30/03/2021 30 de março de 2021; URL: <https://www.dw.com/pt-002/envolvimento-de-sul-africanos-no-conflito-em-cabo-delgado/a-57046397> (consultado em 20.Fevereiro.2022).
- Marks, S. (2022). *Europe Weighs Funding Rwandan Troops in Fighting Islamic State*; in: Bloomberg News, Oct.2022; URL: <https://www.bnnbloomberg.ca/europe-weighs-funding-rwandan-troops-in-fighting-islamic-state-1.1833519> (consultado em 24.Fevereiro. 2023).
- Martin, G. (2022a). *SA infantry, pathfinders heading to Mozambique*; in: DefenceWeb, 24th Feb 2022; URL: <https://www.defenceweb.co.za/featured/sa-infantry-pathfinders-heading-to-mozambique/> (consultado em 1.Março.2022).
- Martin, G. (2022b). *No clear exit for SAMIM in Mozambique*; in: DefenceWeb, 3rd Nov 2022; URL: <https://www.defenceweb.co.za/featured/no-clear-exit-for-samim-in-mozambique/> (consultado em 21.Fevereiro.2023).
- Meierhenrich, J. (2020). *How Many Victims Were There in the Rwandan Genocide? A Statistical Debate*; in: Journal of Genocide Research, 22(1): 72–82, online 01 Jan 2020; doi:10.1080/14623528.2019.1709611; URL: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14623528.2019.1709611?journalCode=cjgr20> (consultado em 22.Fevereiro.2022).

- Moody, J. (2022). *How Rwanda Became Africa's Policeman*; in: *Foreign Policy*, November 21, 2022, 1:21 PM; URL: <https://foreignpolicy.com/2022/11/21/how-rwanda-became-africas-policeman/> (consultado em 18.Fevereiro.2023).
- Mukuba. N. (2022). *O Islão em Angola: perigos e contornos de uma 'invasão silenciosa' – Implicações culturais e civilizacionais*; in: *Kesongo*, Janeiro 13, 2022; URL: <https://kesongo.com/o-islao-em-angola-perigos-e-contornos-de-uma-invasao-silenciosa/> (consultado em 24.Fevereiro.2023).
- Nhantumbo, A. (2022). *Não há estratégia para vencer a guerra*; in *Savana*, nº 1501, de 14 de Outubro de 2022; URL: <https://macua.blogs.com/files/savana-1501-14.10.2022.pdf> (consultado em 24.Fevereiro.2023).
- Omar, O. (2022). *Os tentáculos do terrorismo em Cabo Delgado III: Os bastidores da guerra*; in: *Carta de Moçambique* (online), 6 Fevereiro 2022 04:30; URL: <https://cartamz.com/index.php/politica/item/9964-os-tentaculos-do-terrorismo-em-cabo-delgado-iii-os-bastidores-da-guerra> (consultado em 25.Fevereiro.2022).
- Pike, J. (1999). *Caprivi Liberation Front*; in: FAS-Intelligence Resource Program; URL: <https://irp.fas.org/world/para/caprivi.htm> (consultado em 15.Fevereiro.2022).
- Pongoane, S. & Miguel R. (2021). *Filipe Nyusi confirma presença de tropas do Ruanda em Cabo Delgado a pedido do seu Governo*; in VOA online, julho 09, 2021; URL: <https://www.voaportugues.com/a/filipe-nyusi-confirma-presen%C3%A7a-de-tropas-do-ruanda-em-cabo-delgado-a-pedido-do-seu-governo/5960043.html>
- Rodrigues, A. (2021). *Para Nyusi, a presença de soldados ruandeses em Moçambique é um garante de soberania*; in: *Público* (online), 13 de Julho de 2021, 15:59; URL: <https://www.publico.pt/2021/07/13/mundo/noticia/nyusi-presenca-soldados-ruandeses-mocambique-garante-soberania-1970223> (consultado em 20.Fevereiro.2022).
- Sauer. P. (2019). *7 Kremlin-Linked Mercenaries Killed in Mozambique in October — Military Sources*; in *The Moscow Times*, Oct. 31, 2019; URL: <https://www.themoscowtimes.com/2019/10/31/7-kremlin-linked-mercenaries-killed-in-mozambique-in-october-sources-a67996> (consultado em 15.Fevereiro.2022).
- Silva, G. C. (2023). *Líder do Protetorado Lunda Tchokwe será libertado em breve*; in DW online, 21/02/2023; URL: <https://www.dw.com/pt-002/angola-jos%C3%A9-mateus-zecamutchima-dever%C3%A1-ser-libertado-em-breve/a-64771816> (consultado em 23.Fevereiro.2023).
- Sitbon, M. (2000). *Ruanda: Um genocídio na consciência*. Lisboa. Edições Dinossauro, Junho 2000.
- Sousa, J. L. C. H. (2022). *O Tráfico de Armas Ligeiras: Implicações para a Paz e a Segurança na Região dos Grandes Lagos*. Luanda. Academia de Ciências Sociais e Tecnologias – ACITE e apoio do Mercado das Letras Editores (Lisboa); 1ª edição; Julho de 2022.

Souza, H. P. (2017). Mulheres e conversão ao Islam, em Luanda (Angola); in: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017; URL: https://www.academia.edu/41083886/MULHERES_E_CONVERS%C3%83O_AO_ISLAM_EM_LUANDA_ANGOLA (consultado em 15.Fevereiro.2022).

Tinline, P. (2020). *Heartland: como um geógrafo do século 19 desenvolveu a teoria que rege a geopolítica atual*; in: BBC News Brasil, 26 janeiro 2020; URL: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51165319> (consultado em 20.Fevereiro.2022).

A dirty little war in Mozambique; in: Air war analysis, BR May 2020 #386: 74-79; URL: <https://macua.blogs.com/files/74-79-mozambique-afm-may2020.pdf> (consultado em 20.Fevereiro.2022).

Ahlu Sunna Wa-Jama; in: Stanford – Freeman Spogli Institute for International Studies (FSI);– Center for International Security and Cooperation (CISAC), March 2019, Stanford University, Stanford CA, USA; URL: <https://cisac.fsi.stanford.edu/mappingmilitants/profiles/ahlu-sunna-wal-jama> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

Angola, el primer país del mundo que prohíbe el islam; in: La Información, 25.11.2013 - 00:00h; URL: https://www.lainformacion.com/asuntos-sociales/angola-el-primer-pais-del-mundo-que-prohibe-el-islam_r9gyB8311vJLv4JQ5wbVb4/ (consultado em 15.Fevereiro.2022)

Angola: 119 mesquitas e 800 mil islâmicos — Sinais de islamofobia; in A Semana (online), 07 Junho 2022; URL: <https://www.asemana.publ.cv/?Angola-119-mesquitas-e-800-mil-islamicos-Sinais-de-islamofobia> (consultado em 20.Fevereiro.2023).

Angola: Portugal e a sua responsabilidade sobre a “Lunda Tchokwe”; in: FMFWorld.Org, maio 14, 2021; URL: <https://freemindfreeworld.org/angola-portugal-e-a-sua-responsabilidade-sobre-a-lunda-tchokwe/> (consultado em 20.Fevereiro.2023).

Cabo Delgado: a gas Eldorado and security nightmare; in Africa Intelligence (s/data), URL: <https://www.africaintelligence.com/serial/cabo-delgado-a-gas-eldorado-and-security-nightmare> (consultado em 1.Março.2022).

Cafunfo/Lunda Norte: ‘Zecamutchima’ e outros 24 membros do MPPLT condenado a quatro ano e meio de prisão – Defesa recorreu da sentença; in: Novo Jornal, 25 de Fevereiro de 2022 às 18:55; URL: <https://novojornal.co.ao/sociedade/interior/cafunfolunda-norte-zecamutchima-e-outros-24-membros-do-mpplt-condenados-a-quatro-anos-e-meio-de-prisao---defesa-recorreu-da-sentenca-107003.html> (consultado em 1.Matço.2022)

Entenda o genocídio de Ruanda de 1994: 800 mil mortes em cem dias; in BBC Brasil online, 7 abril 2014; URL:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/04/140407_ruanda_genocidio_ms
(consultado em 20.Fevereiro.2022).

Governo do Burundi cometeu genocídio entre 1972-1973; in: *DW online*, 22/12/2021 de dezembro de 2021; URL: <https://www.dw.com/pt-002/governo-do-burundi-cometeu-genoc%C3%ADdio-entre-1972-1973-investiga%C3%A7%C3%A3o/a-60231410>
(consultado em 22.Fevereiro.2022).

Grupos Terroristas Do Lago Chade Recrutam Crianças; in: *Africa Defense Forum* (ADF), Jan 17, 2023; URL: <https://adf-magazine.com/pt-pt/2023/01/grupos-terroristas-do-lago-chade-recrutam-criancas/> (consultado em 20.Fevereiro.2023).

SADC Mission in Mozambique (SAMIM) in Brief; URL: <https://www.sadc.int/latest-news/sadc-mission-mozambique-samim-brief>

State Department Terrorist Designations of the ISIS Affiliates and Leaders in the Democratic Republic of Congo and Mozambique: US Department of State. Press Releases, March 10, 2021; URL: <https://www.state.gov/state-department-terrorist-designations-of-isis-affiliates-and-leaders-in-the-democratic-republic-of-the-congo-and-mozambique/> (consultado em 15.Fevereiro.2022).

TotalEnergies puts construction group close to Kagame on Mozambique LNG short list: in: *Africa Intelligence*, 01/03/2022; URL: <https://www.africaintelligence.com/southern-africa-and-islands/2022/03/01/totalenergies-puts-construction-group-close-to-kagame-on-mozambique-lng-short-list,109737227-art> (consultado em 1.Março.2022).

Identificação do Autor:

- ¹. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.
 - ². Investigador Integrado do Centro Estudos Internacionais do ISCTE-IUL (CEI-IUL);
 - ³. Investigador associado do Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar, Academia Militar, Instituto Universitário Militar, Rua Gomes Freire, 1169-203, Lisboa, Portugal (CINAMIL);
 - ⁴. Doutorado em Ciências Sociais, especialidade de Relações Internacionais, (ISCSP-UTL).
- ^a. eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt e elcalmeida@gmail.com

Texto revisto e enviado em 26.Fevereiro.2023, via e-mail

Aceite em 1.Março.2023

Publicado em Novembro de 2023